

**O BRINCAR ENQUANTO
POSSIBILIDADE DE ENLAÇAMENTO**

Sabrina Vicentin Plathow

Psicóloga. Psicanalista. Mestranda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro de Fórum da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI, IP/FEUSP). Integra equipe de pesquisa da Metodologia: Indicadores Clínicos de Referência para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) – Pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: sabrinavplothow@gmail.com.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo verificar o brincar enquanto aspecto fundamental para a constituição psíquica de uma criança na primeira infância. Traz um levantamento de produções literárias que abarcam o tema do brincar e do enlaçamento com o outro como fundamentais para a constituição psíquica. Para isto, este artigo conta, principalmente, com o apoio de articulações da pedagogia, psicologia e teoria psicanalítica. Por meio do brincar, é possível apreender o modo com que a criança manifesta suas produções criativas, fantasias, identificações e relações com o outro e o Outro. A partir da brincadeira, também é possível observar como a criança se coloca no mundo.

Palavras-chaves: brincar; enlaçamento; infância; psicanálise

Abstract

The present study aims to verify the play as a fundamental aspect for the psychic constitution of a child in early childhood. It brings a survey of literary productions that embrace the theme of play and bonding with each other as fundamental to the psychic constitution. For this, this article counts mainly with the support of articulations of pedagogy, psychology and psychoanalytic theory. Through of the play, it is possible to apprehend the way in which the child manifests his creative productions, fantasies, identifications and relations with the other and the Other. From the play, it is also possible to observe how the child places himself in the world.

Keywords: play; bonding; childhood; psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O tema do brincar tem sido abordado em vários campos, como na pedagogia, psicologia e também na psicanálise, além de outras áreas que desenvolvem estudos sobre a criança e o brincar. Diversos autores preconizam que o brincar é ação primordial para o desenvolvimento da criança, como Bomtempo (1996; 1999), Moyles (2002) e Winnicott (1971), que apontam a necessidade de espaço para a criança desenvolver suas habilidades, pois o ato de brincar e fantasiar ajudam no campo intelectual, na criatividade e representação da vida de forma lúdica. Ao brincar, a criança também desenvolve habilidades motoras, raciocínio lógico e outras habilidades, como afirmam Piaget (1964) e Vygotsky (1984).

Outros elementos que estão presentes durante o brincar são as noções de regras ou normas, como a capacidade de aprender a esperar sua vez, conforme expõem Elkonin (1998) e Oliveira (2004). Brougère (1995), Carvalho, et. al. (2003) e Huizinga (1971) debruçam-se sobre a relação entre o brincar e a cultura, em que a criança conta com a brincadeira para ajudar a compreender e internalizar elementos culturais que a cercam.

Além do brincar, o enlaçamento também tem sido foco de estudos sobre a primeira infância, como na psicanálise. Autores como Kupfer (2004), Lacan (1968-1969/2008), Laznik (2010) e Quinet (2012) apontam para essa relação com o outro, considerando-a fator primordial para o desenvolvimento psíquico. Nesse sentido é que apresentamos a importância do brincar com um outro, seja criança ou adulto, considerando que a relação com o outro tem uma função fundamental na constituição subjetiva.

Acerca da importância da relação entre o adulto e a criança para a constituição psíquica, Freud (1913//1996) afirma que, para lidar com as crianças, é necessário sondar suas mentes, pois o adulto já não se recorda ou entende a própria infância. O autor também aponta que a psicanálise pode se aproximar da infância com o intuito de promover compreensões sobre algumas fases do desenvolvimento infantil, e é no contato entre adulto e criança que há a possibilidade de o sujeito reconhecer-se e constituir-se, pois, ao se relacionar com o outro, a criança pode identificar-se e também diferenciar-se dele.

Lacan (1968-1969/2008) expõe que o sujeito depende do lugar do Outro para constituir-se. Isso porque o Outro é tudo aquilo que já existia antes que uma criança nasça e permanecerá após a sua morte. Quinet (2012) descreve o Outro como um lugar anterior ao advento do sujeito, uma instância que já “falava” do sujeito antes mesmo de seu nascimento. O sujeito vai se constituir na medida em que o Outro se relaciona com ele. Portanto, o Outro atua como um lugar da ordem do simbólico, aquele que o sujeito sempre recorrerá na busca de um lugar, de reconhecimento, ou seja, na busca por amor, mas não será capaz de alcançar em sua totalidade, pois ao Outro falta. O sujeito relaciona-se com o Outro, por meio da intervenção do pequeno outro, que se trata de um outro semelhante. Em outras palavras, trata-se de outro sujeito humano.

Sobre o outro, Quinet (2012) apresenta alguns pontos a partir da teoria lacaniana e diz que o eu é o outro. O autor explana que “o eu e o outro se confundem” (p. 9), sendo que o sujeito projeta conteúdos e pensamentos do eu e se enxerga no outro. É por isso que ocorre determinada confusão, pois o sujeito identifica seus traços no outro e identifica-se em termos de seu eu ideal que, por vezes, admira, rivaliza e também inveja. Quinet (2012) embasa-se no pensamento de Freud que defende que o eu ideal corresponde a um “modelo à imagem e à semelhança do qual o eu se constitui, é encarnado pelo eu ideal.” (p. 9).

O autor articula sobre o outro como sendo o eu ideal atravessado pelo Ideal de Eu simbólico da seguinte forma: “imagem desenhada e esculpida pelos significantes do Outro, aqueles que constituem o Ideal do eu que na verdade, é o Ideal do Outro. (...) O sujeito passará a vida tentando se igualar ao eu ideal.” (p. 17). Dessa maneira, o sujeito disputa com o outro pela atenção e amor do Outro. O sujeito se relaciona com diversos outros porque tenta constantemente ser desejado e aceito pelo Outro. No início, a mãe do bebê é o outro semelhante que exerce também a posição deste Outro.

Sobre a relação com o Outro simbólico e o outro imaginário, Lacan (1949/1998) introduz a função do estágio do espelho, que o possibilitou pensar o estabelecimento da relação do sujeito com a realidade. É a partir do Outro que o sujeito terá contato com a realidade e também a primeira identificação que permitirá o surgimento do eu como instância imaginária: “A função do estágio do espelho revela-se para nós desde então como um caso particular da função da imago, que é a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (p. 100).

É na relação com o Outro que o bebê tem a possibilidade de constituir sua subjetividade, pois o bebê se torna capaz de acessar uma posição que lhe seja própria para que possa constituir-se como sujeito (Lacan, 1949/1998).

Segundo Quinet (2012): “o Outro é, na verdade o espelho no qual a criança se vê e se admira, ajustando sua imagem enquanto eu ideal às relações de Outro que vem no lugar do Ideal do eu.” (p. 20). O Outro se torna a base da formação de representações que permitirão a constituição do Ideal do Eu e do próprio eu ideal.

Este processo implica um atravessamento do Outro para a constituição do eu do sujeito, considerando-se que o eu é primeiramente corporal. De acordo com Laznik (1991), “o estágio do espelho é um momento mítico inaugural, a partir do qual um corpo vivido como fragmentado é antecipadamente constituído num semblante de totalidade e maturação” (p. 23).

Quinet (2012) esclarece que existe dois momentos no estágio do espelho, sendo o primeiro aquele em que a imagem está despedaçada e, no segundo momento, trata-se de uma imagem unificada. Portanto, a passagem pelo estágio do espelho permite que o bebê comece a se perceber e, também, que perceba o outro - anteriormente fragmentado e confuso.

Acerca do estágio do espelho, há articulações que introduzem o olhar como ponto importante na relação entre sujeito, outro e Outro. Quinet (2012) destaca que “o olhar em cena no estágio do espelho é o olhar daquele que vem a ocupar o lugar do Outro, por exemplo, a mãe. Trata-se de um olhar buscado pela criança.” (p. 20). Desse modo, o sujeito busca o olhar do outro que, durante o estágio do espelho, ocupa o lugar do Outro para estabelecer uma relação de desejo com esse Outro e assim ser aceito e amado.

É indispensável considerar que a criança demanda para acessar o desejo do Outro que, em certo tempo da constituição subjetiva, passa a ser sinalizado como uma dinâmica relacional que aponta a um mais-além da relação mãe-bebê. No que tange à relação do sujeito com o Outro, Lacan (1968-1969/2008) insere a importância da demanda, tratando-se de algo que se constrói progressivamente. A criança não nasce pronta para demandar ao Outro, haja vista que a demanda surge em torno da emergência do desejo do Outro.

Sobre a questão do desejo do Outro, conforme a psicanálise lacaniana, Checchinato (1988) diz que quando há simbolização da ausência-presença da mãe, que poderá fixar seu desejo em seu filho, a criança então poderá ser uma criança desejada ou não, para além da ordem da satisfação. Dessa maneira, se a criança não estiver inscrita no desejo do Outro, ela não solicitará esse Outro por meio da demanda. De acordo com Lacan (1968-1969/2008), na tentativa do sujeito acessar o campo do Outro, estabelece-se a demanda: “Pela simples realidade da demanda ao Outro, surge o fato de que o Outro já contém, de certa maneira, tudo aquilo em torno do qual ela se articula.” (p. 57).

Jerusalinsky (1984) destaca que o desejo que a mãe direciona ao filho está arrolado à maneira com que a falta é estabelecida nela mesma. Dessa forma, o filho desdobra na dialética do desejo da mãe “uma brecha que o significante se esforçará em recobrir na mesma hora em que sua marca desgarrar mais uma região do imaginário.” (p. 12). A falta da mãe está presente na medida em que ela se posiciona como desejante, como Outro dotado de uma falta por estrutura. É assim que a mãe também transmitirá essa falta à criança, permitindo-lhe advir como sujeito desejante.

Dado o relevante papel do outro e do Outro na constituição subjetiva de uma criança, veremos, ao longo do presente trabalho, os efeitos produzidos a partir da relação entre uma criança e um outro no momento do brincar espontâneo, considerando os elementos presentes neste momento. Por meio do brincar, a criança expressa seus conteúdos inconscientes, indica a forma com que se arranja psiquicamente, como apresenta sua fantasia inconsciente, a relação com o outro e a imagem que concebe de si. O brincar é uma via de comunicação e simbolização. De acordo com Kupfer, et. al. (2009):

O brincar é uma forma de expressar, de modo livremente associativo, a fantasia inconsciente da criança. No caso de ausência completa de uma produção imaginária, o jogo da criança aparece colado à mecânica dos objetos, e não desdobra, em suas construções, uma narrativa. O brincar pode ainda aparecer sem referência ao faz-de-conta, aos limites e aos interditos. As significações podem ser aleatórias, fragmentares, mas a criança mostra uma intensa relação com o outro, contrariamente ao que ocorre nos casos de ausência de produções imaginárias. Finalmente, os desenhos e jogos de uma criança podem ser tomados como significações a serviço de uma estória, de uma narrativa ou de uma informação, e então aparecem os limites, os interditos e o caráter figurado dos personagens. Nesse caso, o brincar poderá ser uma forma de simbolização de suas dificuldades, conflitos, falhas e preocupações. (p. 55)

Acompanhar uma criança enquanto brinca, contribui à apreensão sobre os recursos que ela tem e como os emprega brincando. Podemos acompanhar como está instalada a fantasia inconsciente para a criança, se é capaz de distinguir fantasia da realidade, bem como é possível observar como interage com o outro durante o brincar e como estão presentes (ou não), no momento em que a criança brinca, outros aspectos relevantes, pois a criança explicita a imagem inconsciente que tem de seu corpo, posiciona-se diante das normas que lhe são impostas e também a maneira com que se posiciona no campo da linguagem.

É sobre este ponto que nos debruçamos no presente artigo. A partir do brincar, é possível não apenas apreender como a criança se enlaça ao outro, como também é possível verificar que o brincar é uma possibilidade de favorecimento desse enlace.

OBJETIVOS

Este trabalho pretende explorar o brincar como aspecto importante à constituição psíquica.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, cujos dados foram obtidos a partir da observação da relação entre uma mãe e seu bebê, que contava com 23 meses de idade, enquanto compartilhavam momentos de brincadeiras. Para a coleta de dados, foram usados os brinquedos da própria criança e as visitas se deram na residência em que mãe e filho moram.

As observações ocorreram diariamente, ao longo de duas semanas seguidas. O tempo de cada observação foi de uma hora por encontro, no mesmo horário, logo após a criança realizar seu desjejum matinal.

Dentre as brincadeiras realizadas, recortamos duas cenas que foram recorrentes em todos os encontros. Vale ressaltar que a criança apresentou riqueza em seu repertório e elegemos as seguintes cenas pelo fato de Gabriel¹ manifestar uma preferência pelas brincadeiras apresentadas a seguir.

1ª Cena – Instrumentos musicais

Gabriel tem bastante interesse por música. Ao brincar, sua mãe comenta que a criança tem contato com essa arte desde seus primeiros dias de vida, sendo que, nesses primeiros dias, seus pais deixavam som ambiente com música infantil. Também cantaram para a criança, seja para dormir ou brincar, comer e mesmo para distrair a criança em momentos de choro e demonstração de angústia.

A música manteve-se presente na vida da criança e, atualmente, Gabriel conta com recursos mais arrojados para se relacionar com esta arte. Canta parte de letras, ou então finge cantar, imitando a entonação da música quando já é conhecida. Gabriel tem diversos instrumentos musicais infantis, dentre eles: corneta, apitos, pandeiro, piano, xilofone, gaita e uma guitarra de brinquedo com efeitos sonoros que imitam o instrumento real (este é seu preferido). Esse brinquedo conta com quatro cordas no corpo da guitarra que emitem som, alguns botões no lugar do que seriam o braço e o traste de uma guitarra verdadeira, sendo que cada botão emite um som diferente e ainda contém uma manivela na parte inferior do instrumento.

Outro instrumento utilizado pela criança é uma mistura de objeto que de fato compõem uma bateria atrelada à transformação de outros que ajudam a formar m uma bateria. Ou seja, o par de baquetas usado por Gabriel são objetos fabricados para a finalidade de tocar bateria, mas entregues para a criança brincar, para compor o restante da bateria, Gabriel organiza almofadas do sofá no chão. A disposição das almofadas tem certa variação, mas geralmente imitam a estrutura de uma bateria.

A criança também emprega o uso de um microfone, mas geralmente de maneira simbólica. Gabriel mantém uma de suas mãos fechadas diante de sua boca, fingindo segurar um microfone ou então coloca sua mão diante da boca de sua mãe, para que ela finja que está cantando.

Durante o brincar, a criança demonstra estar bastante à vontade com seus instrumentos musicais. Conta com a capacidade de manter-se focado em uma atividade específica, seja cantando, tocando bateria ou guitarra e, algumas vezes, brinca de tocar algum instrumento enquanto canta.

Ao mesmo tempo em que Gabriel concentra-se em alguma função da banda, também apresenta bastante plasticidade e fluidez ao brincar; intercala papéis, interage com sua mãe e também atua como se estivesse em um palco real diante de uma plateia. Às vezes imita shows que assistiu, inclusive, em poucos momentos, a criança executava sua apresentação enquanto assistia a um show transmitido na televisão.

A criança determina as regras com sua mãe, define os instrumentos e lugares e inclui as posições ao tocar cada instrumento. Um exemplo disso é que a criança pisa em algum objeto ao brincar de tocar guitarra e, quando determina que sua mãe toque a guitarra, exige que ela também coloque um de seus pés em algum objeto, seja uma caixa, almofada ou um capacete de brinquedo.

2ª Cena – Motoca

Ao brincar com sua motoca infantil, na maioria das vezes em que sobe nessa motoca, coloca um de seus capacetes. Gabriel imita seu pai, diz que vai trabalhar. Quando pergunta onde trabalha, a criança diz que trabalha no escritório de seu pai ou no local de trabalho da mãe. Brinca com a motoca, circulando pela sala e também explora outros cômodos da casa. Ao retornar de uma de suas voltas pela casa, Gabriel tira seu capacete e diz: *cheguei do trabalho!* Ao chegar, suspira ou respira ofegante e diz que está cansado, pois chegou do trabalho. Algumas vezes, diz que chegou do correio – vai constantemente com seu pai aos Correios – e conta o que aconteceu, mesmo que não tenha ido recentemente.

Sempre que sobe em sua motoca, Gabriel diz tchau e fala que vai passear, trabalhar, ir ao supermercado ou à escola. Ainda usa o objeto para simular um skate enquanto tenta ficar em pé na motoca. Pede insistentemente que sua mãe monte na motoca, ele diz: *senta mamãe, agora!* oferecendo-a seu capacete. Ela tenta recusar, propondo outra brincadeira, até que Gabriel a convence de aceitar a proposta. Assim que a mãe monta na motoca, a criança se pendura em suas costas para passear, dando voltas pela sala da casa. A rodada se encerra quando Gabriel pede para cair no chão, chacoalha a cabeça, como se estivesse desnortado, e depois diz que está bem. Em outras rodadas onde a criança forja a queda, permanece deitada no chão e diz que se machucou, pedindo o beijinho de sua mãe para melhorar. Ao ser beijado, ele agradece e, quando sua mãe pergunta se ele melhorou, Gabriel responde que sim, *melholei* e continuam brincando.

DISCUSSÃO

Foi possível notar, ao longo das observações, que a criança é capaz de fazer representação de papéis. Isso aparece quando inclui a figura de seu pai nas brincadeiras mesmo que esteja ausente fisicamente, ou ainda quando assume o lugar de sua mãe, seja impondo regras ou delimitando papéis durante o brincar. Gabriel está no laço com sua mãe, o que é percebido durante as demandas constantes que a criança faz, seja verbalizando algo, buscando por carinho ou simplesmente ao dirigir seu olhar à mãe.

Por meio do laço, a criança brincou e sempre se vinculou a ela. Consideramos o laço entre mãe e filho não somente no momento do brincar, mas como colaborador, inclusive, para o repertório escolhido por Gabriel que evocava cenas recentes ou antigas de sua rotina em suas brincadeiras - sempre ricas de enredo e com riqueza simbólica, plasticidade, autonomia e outras características que apontam para um brincar arrojado e ao enlaçamento com a figura do outro/Outro.

Ao nos apoiarmos na produção teórica trazida, deparamo-nos com ricas contribuições sobre o brincar que propicia diversos elementos para o desenvolvimento da criança, que vão ao encontro das observações realizadas, pois, conforme vimos anteriormente, durante o brincar, Gabriel apresenta amplo repertório, riqueza de elementos, criatividade e plasticidade.

A criança também conta com habilidades motoras bem desenvolvidas, demonstra sentir-se seguro enquanto brinca. Durante as observações, tivemos a chance de perceber o quanto a capacidade intelectual de Gabriel está em construção, além de presenciarmos o quanto a criança está bem situada em relação aos espaços, o reconhecimento de si e do outro.

É fundamental também recordamos as contribuições que a psicanálise nos oferece acerca do brincar como algo que contribui diretamente para a constituição psíquica, inclusive sobre o brincar compartilhado com outra pessoa como prazeroso e tem direta contribuição para o enlaçamento. Conforme vimos no presente trabalho, trata-se do enlaçamento especificamente entre mãe e filho.

Todos estes aspectos puderam ser encontrados em autores que se debruçam sobre a temática do brincar, como em Bomtempo (1996 e 1999), Moyles (2002), Winnicott (1971), Piaget (1964), Vygotsky (1984), Elkonin (1998), Oliveira (2004), Brougère (1995), Carvalho, et. al. (2003) e Huizinga (1971), que trazem contribuições sobre o brincar como o que proporciona diversos elementos à criança em termos da possibilidade de diferenciação entre fantasia e realidade, o reconhecimento das regras, dos limites e dos papéis assumidos e a representação de lugares e posições.

Em relação à psicanálise e ao que foi apreendido durante as observações de Gabriel, contribuem para apreendermos o quanto a relação com o outro é primordial para que a criança possa desenvolver suas habilidades e consiga constituir-se psiquicamente. Ao longo das observações, foi possível confirmar na prática diversos aspectos do desenvolvimento infantil, como criatividade, coordenação motora, inteligência, interação e autonomia. As observações de Gabriel confirmam a hipótese de que o brincar é extremamente importante para o desenvolvimento de uma criança, inclusive no que diz respeito à constituição subjetiva, como sustentada pelo enlaçamento com o outro. Durante o brincar, apareceram elementos como o reconhecimento dos papéis e sua possibilidade de manejo, por exemplo, quando a criança pôde fantasiar que era autoridade sobre sua mãe.

As noções de regra e limite também foram percebidas nas cenas apresentadas; Gabriel é capaz de segui-las durante o enquadre da brincadeira e tem plasticidade simbólica para perceber que a brincadeira acabou, partindo para o reconhecimento das regras fora do contexto lúdico. Por se tratar de uma criança bastante jovem, ainda está presente, mesmo que em pontuais ocasiões, alguma confusão diante dos limites impostos pelo adulto, ou ainda, tentativas de burlar os combinados, compreendidas como movimentos que vão ao encontro com o esperado para sua idade.

A criatividade também foi componente constante no brincar de Gabriel. A criança criou situações com riqueza de enredo, sustentou-as e criou diversas conexões criativas, como ao mostrar-se capaz de descrever cenas ricas em elementos, incluindo-os como integrantes dessas situações, ou seja, Gabriel conta com a presença simbólica do outro/Outro mesmo quando ausente fisicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirmou nossa hipótese inicial: a de que o brincar é extremamente colaborativo à formação psíquica da criança. Pudemos verificar que o brincar, tanto solitário quanto acompanhado de outra pessoa, possibilita a representação, simbolização, identificação, e outros fatores que contribuem diretamente ao enlaçamento com o outro.

NOTA

1 - Relevante destacar que o nome da criança foi alterado, bem como outros dados que pudessem identificá-la.

Referências

- Bomtempo, E. (1996). A brincadeira de Faz-de-conta: Lugar do Simbólico, da Representação, do Imaginário. In Kishimoto, T. M. (Org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez.
- Bomtempo, E. (1999). Brincar, fantasiar e aprender. *Temas em Psicologia*.7(1), 51-56.
- Brougère, G. (1995). *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez.
- Carvalho, A. M.; Pontes, F.; Magalhães, C. & Bichara, I. (Orgs.). (2003). *Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Checchinato, D. (Org.). (1998). *A Clínica da psicose*. 2 ed. Campinas: Papyrus.
- Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VIII.
- Huizinga, J. (1991). *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: EDUSP.
- Jerusalinsky, A. N. (1984). *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. B., Molina, S. E. et al. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*.6(1),48-68.
- Kupfer, M. C. M. (2004). Autismo: Uma estrutura decidida? Uma contribuição dos estudos sobre bebês para a clínica do autismo. In *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 2004* [online]. 2004. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100005&lng=en&nrm=iso . Acesso em 25 de agosto de 2017.
- Kupfer, M. C. M. & Lerner, R. (Orgs.). (2008). *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. () (1998).
- Lacan, J. (1968-1969). *O Seminário Livro 16 – De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (-) (2008).
- Laznik, M. C. (1991). O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas. *Coleção Psicanálise da Criança – Coisas de Criança*. I.(1). Salvador: Ágalma.
- Laznik, M. C. (2010). Godente ma non troppo: O mínimo de gozo do outro necessário para a constituição do sujeito. *Curitiba: Revista Psicologia Argumento*, 28(61),135-145.
- Moyles, J. R. (2002). *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, V. B. (2004). *Jogos e Regras e a Resolução de Problemas*. Petrópolis: Vozes.
- Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Piaget, J. (1964). *A formação do símbolo na criança*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.